



O Alienista

Machado de Assis

Contexto histórico: a época do alienista

O fim do século XIX encontra um Brasil em crise. Muitos foram os fatos que colaboraram para ela: entre eles, destaca-se o desmoronamento da economia baseada na cana-de-açúcar, acelerado pela extinção do tráfico de escravos, através da Lei Eusébio de Queirós, em 1850. Com a decadência do sistema açucareiro, a economia volta-se para o Sul e Sudeste, onde imigrantes europeus — que aportavam no país desde a década de 40 — eram empregados nas lavouras de café.

As condições de trabalho nas lavouras cafeeiras eram péssimas, e isso provocou a reação de alguns países europeus, que proibiram a vinda de trabalhadores para o Brasil. Como era necessário um grande número desses colonos, as relações de trabalho foram modificadas, com o apoio do governo da província de São Paulo e do governo imperial: o trabalho passou a ser predominantemente assalariado e ofereceram-se melhores condições aos colonos. Com isso, o número de imigrantes cresceu e praticamente resolveu a demanda por mão-de-obra na zona cafeeira.

Por outro lado, as cidades — principalmente o Rio de Janeiro e São Paulo — assistiam ao aumento de suas classes médias, as quais apresentavam novos anseios, propícios à fermentação de ideias liberais, abolicionistas e republicanas.

Trata-se, enfim, de um período de mudanças econômicas, políticas e sociais, no qual se podem ainda divisar:

- enfraquecimento do governo de D. Pedro II e a intensificação dos ideais republicanos;
- o crescimento da campanha abolicionista;
- uma economia agrária, com a concentração da renda nas mãos dos fazendeiros;
- na década de 70, a entrada de quase duzentos mil imigrantes no país, aumentada, nos anos 80, para quase meio milhão;
- ainda na década de 80, comícios e passeatas de intelectuais e estudantes em prol das campanhas abolicionista e republicana;
- em 1888, a Abolição da Escravatura;
- em 1889, a Proclamação da República;
- o início do processo de modernização da sociedade brasileira, com a dinamização da vida social e cultural, principalmente no Rio de Janeiro, sede do governo:
- um maior desenvolvimento da cultura, com incremento no número de matemáticos, economistas, médicos, historiadores, além dos escritores;
- um clima propício à absorção, pelas artes, das novas ideias vindas da Europa e lá já consolidadas, como o liberalismo, o socialismo e as teorias científicas.

Todos esses fatores — com destaque para o tema da Abolição e o da República — contribuiriam para as opções ideológicas do homem culto brasileiro a partir de 1870, cabendo à chamada "Escola do Recife" (liderada por Tobias Barreto e seu fiel discípulo Sílvio Romero) a primeira transposição dessa realidade em termos de consciência cultural.

Marca a cultura da época uma ânsia por objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século. Os mestres dessa objetividade seriam, mais uma vez, os franceses: Gustave Flaubert, Émile Zola e Anatole France, na prosa de ficção; os parnasianos, na poesia; Auguste Comte, Taine e Renan, no pensamento e na História. Em segundo plano, os portugueses, Eça de

Queirós, Ramalho Ortigão e Antero de Quental. No caso excepcional de Machado de Assis, também — e principalmente — os autores ingleses.

O Realismo: as histórias na estética da objetividade

O Realismo implica o distanciamento da postura subjetiva para o escritor, que se volta para a realidade exterior e não usa mais sua vida pessoal como ponto de partida para a criação da obra de arte. O interesse, agora, é pelo objeto externo, e não mais pelo sujeito.

Ocorre, assim, o aprofundamento da narrativa de costumes que já se cultivara no Romantismo e que se propõe, a partir daqui, a desnudar as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima, buscando, para ambas, causas naturais ou culturais. É preciso compreender e explicar o mundo real por meio da razão e do conhecimento científico. É necessário o embasamento, o apoio de teorias que auxiliem essa explicação.

Várias foram as correntes científicas que serviram como estofa à obra de arte realista. Entre elas, cabe destacar:

- o **Determinismo de Taine**, segundo o qual o Homem — e seu comportamento e, portanto, a Arte — está condicionado a três fatores: a herança (determinismo biológico ou hereditário); o meio (determinismo social ou mesológico) e o momento (determinismo histórico);
- o **Positivismo de Auguste Comte**, que defende a existência da razão e da ciência como fundamentais para a vida humana, pregando uma atitude voltada para o conhecimento positivo, concreto e objetivo da realidade;
- o **Criticismo e o Anticlericalismo de Renan**, que prega uma revisão do papel histórico da igreja católica, apontando-a como "mistificadora da verdadeira fé";
- o **Socialismo "utópico" de Proudhon**, que propõe a organização de pequenos produtores em associações de auxílio mútuo, calcado em ideias antiburguesas e antirreligiosas;
- o **Evolucionismo de Darwin**, que concebia o mundo como um processo de crescimento e de evolução e cuja repercussão provocou enorme revolução em outras ciências, inclusive as sociais.

Esse conjunto de ideias acabou por caracterizar a chamada "geração materialista ou cientificista", assim designada pela semelhança entre as atitudes dos autores e dos cientistas.

O escritor, movido por sua preocupação com a objetividade, tende a compreender o homem — aqui, a personagem — como um "caso" que deve ser analisado à luz da ciência. A intensificação radical da abordagem científica na obra de arte acabaria por conduzir ao Naturalismo, que considera o homem como uma máquina dirigida por leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio social, dirigindo seu interesse, principalmente, para temas da patologia humana e social.

As características comuns ao Realismo e ao Naturalismo podem ser assim esquematizadas:

- objetividade: exame da realidade exterior ao indivíduo, realidade captada pelo artista sem o intermédio da imaginação e do sentimentalismo;
- racionalismo: a inteligência é entendida como único meio para a compreensão da realidade objetiva;
- universalismo, impessoalismo: busca da verdade universal, impessoal, captada pelos sentidos e pela inteligência, e só aceita quando passível de ser testada, examinada, experimentada;
- arte compromissada, engajada: crítica, análise e denúncia da sociedade; preocupação e compromisso com a transformação social;
- contemporaneísmo: arte voltada para o seu próprio tempo, para os problemas de sua época;
- antiburguesismo, anticlericalismo, antitradicionalismo, antimonarquismo;
- preocupação formal: busca de clareza, de equilíbrio, de concisão no estilo, enxuto e limpo;
- lentidão da narrativa: descrições minuciosas, morosas, pormenorizadas das personagens, o que coloca o plano da ação e da narrativa em segundo lugar;
- linguagem predominantemente denotativa, com privilégio da metonímia em detrimento da metáfora;

- exaltação sensorial, linguagem sinestésica: só é verdadeiro o que pode ser captado sensorialmente.

Embora fossem contemporâneos e muitas vezes se tenham "interpenetrado", o Realismo e o Naturalismo apresentaram diferenças no enfoque dado ao tratamento dos assuntos e características próprias.

No Realismo, observa-se a "humanização" das personagens, agora "de carne e osso" e não mais divididas entre heróis incríveis e terríveis vilões. Entre outros, destacam-se os seguintes traços:

- psicologismo: análise psicológica das personagens, esféricas, dinâmicas;
- "humanização" das personagens: a mulher, geralmente adúltera e pecaminosa; o homem, fraco e covarde;
- enfoque da burguesia como classe social;
- fotografia objetiva da realidade;
- romance de "interpretação aberta", deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões.

É Machado de Assis o maior nome do Realismo no Brasil: a grandeza de sua obra ultrapassa os limites da própria estética da qual, aliás, foi o introdutor. Seu livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881, constituiu o marco inicial do movimento realista entre nós.

Machado de Assis: um mestre também no conto

O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 1839, e lá morreu em 1908. Teve infância pobre: filho de um pintor mulato e uma lavadeira portuguesa, ficou órfão muito cedo e cresceu aos cuidados da madrastra, Maria Inês, lavadeira e doceira. De frágil compleição física e nervosa, já na infância sofreria os primeiros sintomas das doenças que o acompanhariam pela vida: a gaguez e a epilepsia. A saúde frágil contribuiria para determinar sua personalidade de reserva e timidez.

O menino Joaquim Maria frequentou a escola por pouco tempo, pois teve de trabalhar para ajudar no sustento seu e da família. Recebeu aulas de Francês e Latim de um padre amigo. Autodidata, construiu uma vasta cultura literária, através da leitura de autores como Sterne, Swift e Leopardi.

Aos dezesseis anos, torna-se aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, e aos dezoito, publica seus primeiros versos na revista *A Marmota*. Emprega-se na redação do *Correio Mercantil* e conhece alguns autores românticos, como Joaquim Manuel de Macedo, Casimiro de Abreu, Manuel Antônio de Almeida e Quintino Bocaiuva. Sua inteligência brilhante e o talento indiscutível possibilitam-lhe o convívio no meio cultural da época e a amizade com Manuel Antônio de Almeida, de quem recebe apoio no início da carreira.

Casa-se aos trinta anos com a portuguesa Carolina Xavier de Novais, o que lhe proporciona estabilidade e tranquilidade para dedicar-se à atividade literária. Ela seria a companheira de toda a vida: Machado sobrevive apenas quatro anos à sua morte, em 1904.

Em 15 de dezembro de 1896 funda, com um grupo de escritores, a Academia Brasileira de Letras, da qual seria o primeiro presidente e presidente perpétuo. Morre a 29 de setembro de 1908, cercado de prestígio e reconhecimento.

Machado, escritor filósofo

Polígrafo, Machado de Assis escreveu romance, conto, poesia, teatro, crônica, crítica, cartas, com destaque para os romances e contos, considerados os melhores da nossa literatura.

Segundo o crítico Alfredo Bosi,

"O seu equilíbrio não era o goetheano — dos fortes e felizes, destinados a compor hinos de glória à natureza e ao tempo, mas o dos homens que, sensíveis à mesquinhez humana e à sorte precária do indivíduo, aceitam por fim uma e outra como uma força inalienável, e fazem dela alimento de sua reflexão cotidiana."

Correspondendo ao próprio processo de amadurecimento do autor na forma ficcional e na maneira de desnudar as criaturas, costumam-se dividir as duas fases na produção da obra machadiana.

A primeira fase — impropriamente chamada "romântica" — corresponde à sua iniciação literária, com influências, sim, do Romantismo, mas já apresentando certas características que se tornariam marcantes em seus romances realistas:

- a observação psicológica das personagens — já não tão lineares quanto as românticas — e considerações sobre suas ações e comportamentos;
- o enfoque do interesse como móvel das atitudes humanas;
- o questionamento da hipocrisia social;
- o estilo conciso, diferente da linguagem exagerada dos autores românticos;
- o humor reflexivo.

Entre as obras que pertencem a esta fase estão os volumes de contos: *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite* e os romances *Ressurreição*, *Helena*, *A Mão e a Luva*, *Iaiá Garcia*.

A segunda fase corresponde à sua maturidade como escritor, ao auge de sua produção, tanto do ponto de vista do estilo, quanto da investigação da alma humana; é o período das obras-primas, e nele se destacam as seguintes características:

- a investigação do comportamento humano, mostrando o Homem como dotado de uma ambiguidade insolúvel entre o "ser" e o "parecer";
- o caráter universal, na busca da essência humana, na abordagem de grandes temas filosóficos, com o privilégio da reflexão e da análise psicológica em detrimento da fixação na cor local ;
- a presença de antecipações psicanalíticas e o aproveitamento de arquétipos dos textos bíblicos e da tradição clássica;
- pessimismo, na visão desencantada da vida e do homem, no ceticismo em relação aos valores do seu tempo;
- a ironia, aliada a um fino senso de humor (o chamado "humour");
- o estilo conciso, enxuto, sóbrio, elegante, marcado pela correção gramatical e pelo equilíbrio;
- o gosto pelas frases sentenciais, contendo verdades morais;
- a lentidão na narrativa, com privilégio da abordagem psicológica, para a caracterização da personagem, em detrimento da ação e do enredo;
- a fixação pelo pormenor: o microrrealismo;
- certas antecipações do Modernismo:
- organização metalinguística do discurso narrativo;
- interrupções na narrativa, através de digressões, diálogos com o leitor;
- estrutura fragmentária, não-linear da narração; técnica do impressionismo associativo;
- capítulos curtos;
- gosto pelo elíptico, pelo alusivo.

Esta fase é marcada por suas obras-primas: os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires* e os volumes de contos *Papéis Avulsos*, *Histórias sem Data*, *Várias Histórias* e *Relíquias da Casa Velha*.

O conto como gênero literário: alguns aspectos

Segundo o *Dicionário de termos literários* do Prof. Massaud Moisés, da Universidade de São Paulo, "o conto remonta aos primórdios da própria arte literária" e "alguns exemplares podem ser localizados centenas ou milhares de anos antes do nascimento de Cristo". Informa-nos ainda o crítico que este foi um gênero "superiormente cultivado" durante os últimos séculos da era medieval, tendo conhecido certo

declínio — dado o artificialismo e os tons moralizantes de que se revestiu — durante a Renascença, apesar do grande número de contistas que despontaram.

Durante o Setecentismo a situação continuaria a mesma: só no século XIX o conto viveria "uma época de esplendor", ganhando autonomia em relação ao romance e à novela e assumindo estrutura própria e diferenciada.

Como gênero literário, o conto não deve ser confundido com o romance ou com a novela, pois possui características próprias. Assim, deve ser entendido como univalente: apresenta um só conflito, uma única ação, apenas uma célula dramática. Todas as outras condições decorrem desse caráter de unidade:

- unidade de tempo: o tempo apresenta-se restrito ao momento do conflito; caso se narrem fatos anteriores ou posteriores a ela, a importância destes é diminuída em privilégio do momento enfocado;
- unidade de espaço: o espaço é limitado e, caso haja variações no cenário, todas elas devem convergir para o local central, onde a ação se desenrola;
- pequeno número de personagens, notadamente aquelas que se ligam diretamente ao conflito;
- linguagem preferencialmente concisa, enxuta.

No Brasil, o conto literário passa a ser cultivado a partir da metade do século XIX. São exemplos de produções dessa época os contos regionalistas de Bernardo Guimarães e a obra *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo, ambos autores românticos. Caberia a Machado de Assis o papel de principal contista do século, tendo ele consagrado o gênero como expressão ficcional.

O conto de Machado de Assis: principais características

Machado de Assis iniciou sua carreira como contista em 1858, publicando, na *Marmota fluminense*, um texto chamado "Três Tesouros Perdidos". A partir daí, não parou mais, contabilizando cerca de duzentos contos publicados em jornais e revistas, ao longo de toda a segunda metade do século. Sobre o gênero se pronunciaria o autor em famoso ensaio, intitulado "Instinto de Nacionalidade":

"É gênero difícil, a despeito da aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor."

Para Machado, o conto deve apresentar qualidade e não entediar o leitor, já que se trata de uma narrativa curta. E também deve ser marcado pela concisão no estilo, pelo senso de comunicabilidade e humor — o característico *humour* machadiano. O tema preferido do grande autor é, nos contos, o mesmo de seus romances: a humanidade e seus vícios intemporais.

Como contista, Machado de Assis pode ser visto também como o grande retratista da sociedade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, principalmente de sua classe média. Embora não seja a "cor local" a preocupação de sua obra — mas a humanidade e seus vícios intemporais, como já se afirmou —, as personagens de seus contos pertencem, em sua maioria, à classe média carioca, ainda em formação à época.

Tipos, hábitos e cacoetes sócio-culturais do Rio de Janeiro somam-se à generalização de conceitos e observações sobre a natureza humana, num convite a uma aventura intelectual por um universo dominado pelo *humour*, a contrapartida machadiana para o pessimismo. Aqui, o artista lança-se à observação da relatividade dos valores, dominados pelos interesses pessoais e sociais, o que causa a frustração de todo idealismo e denuncia a decomposição moral e física do ser humano, imerso em verdades desgastadas e falsas de uma sociedade hipócrita e nada podendo fazer contra a passagem irreduzível do tempo.

Assim como acontece o romance, a evolução do conto machadiano pode ser dividida em duas fases. À primeira, pertencem aqueles contos em que se podem reconhecer certos interesses e emoções a que o público leitor da época era afeito; são geralmente contos longos e subdivididos em partes, aproximando-se das novelas. Neles, predomina a trama amorosa, com encontros, desencontros, namoros, noivados,

adultérios, tudo visto através da postura conservadora do autor. Estão reunidos nas coletâneas *Contos fluminenses* e *Histórias da meia-noite*.

À segunda fase correspondem suas obras-primas no gênero. Representam-na os volumes *Papéis avulsos*, *Histórias sem data*, *Várias histórias*, *Páginas recolhidas* e *Relíquias de casa velha*. Esta fase corresponde à sua maturidade, ao auge de sua produção, tanto do ponto de vista do estilo, quanto da verdadeira investigação que faz da alma humana. Aqui, sua obra assume caráter universal, com a abordagem de grandes temas filosóficos e a busca da essência humana, privilegiando a reflexão e a análise psicológica em detrimento da fixação na cor local. Observam-se antecedentes da abordagem psicanalítica e o aproveitamento de arquétipos dos textos bíblicos e da tradição clássica, além de antecipações da modernidade, como a organização metalinguística do discurso.

É nessa segunda fase, principalmente, que se observam as grandes constantes de seu estilo, como interrupções na narrativa, através de digressões e diálogos com o leitor; fragmentação da estrutura narrativa; técnica do impressionismo associativo, entre outras

A obra machadiana é eivada de profundo pessimismo e expressa uma visão desencantada da vida e do homem e evidente ceticismo em relação aos valores do seu tempo. Caracteriza-se por uma ironia sutil e por fino senso de humor — o *humour*. Seu estilo é conciso, enxuto, sóbrio e elegante, marcado pela correção gramatical e pelo equilíbrio; evidencia-se nele o gosto pelas frases sentenciais, que contêm verdades morais.

Além de constantes como a morte e a loucura, Machado enfoca a distância entre o ser e o parecer no indivíduo e o comportamento arbitrário da humanidade, mostrando preferência pelo conto de observação, o chamado conto psicológico. Entre os recursos mais presentes, encontram-se ainda o método dramático da apresentação direta, o amplo uso do diálogo e a relativização textual, que contribuem para o questionamento do preestabelecido e da permanência imutável dos conceitos e valores.

O alienista: conto ou novela?

Quando o volume *Papéis avulsos* — que inaugura a chamada “fase madura” ou “fase realista” do conto de Machado de Assis — foi editado, seu primeiro conto, “O alienista”, já havia publicado em um periódico feminino, *A estação*.

Este texto transcende, por um lado, a técnica do conto, principalmente por ser dividido em capítulos — treze —, o que o faz aproximar-se da novela. A ação e o espaço, por outro lado, são unitários, limitados à categoria do conto. Embora não haja um consenso da crítica quanto a essa classificação, grande parte dela considera-o um conto. Talvez fosse melhor que se lembrasse a relativização que marca toda a obra de Machado de Assis, quer no aspecto dos gêneros de ficção, quer em sua abordagem da alma humana.

O enredo de *O alienista*: de médico e de louco...

Personagem-título, o alienista é o doutor Simão Bacamarte, médico conceituado em Portugal e na Espanha, que, apesar dos vários convites para ocupar cargos importantes que recebe de “el-rei”, prefere voltar para o Brasil e instalar-se na vila de Itaguaí.

Simão Bacamarte casara-se aos quarenta anos com D. Evarista, uma senhora viúva, de vinte e cinco anos, “não bonita nem simpática”, que ele escolhera a dedo, após muitas diligências científicas, a fim de que pudesse ter filhos fortes e sadios. Debalde seus esforços, a mulher não engravida:

“D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. [...] o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria [...] e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e á sua resistência, — explicável, mas inqualificável — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.”

Na vila, o alienista, decepcionado com a medicina tradicional, e interessado pelo “exame da patologia cerebral”, resolve dedicar-se à psiquiatria, no intuito de

“[...] estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal”. Em Itaguaí, D. Evarista passou a achar-se “a mais desgraçada das mulheres” e entrou a abater-se, o que levou Bacamarte a permitir-lhe uma viagem ao Rio de Janeiro, junto com a mulher do boticário e o padre.

Enquanto isso, o alienista, que fundara na vila a Casa Verde, um hospício luxuoso, destinado a receber para tratamento as pessoas que ele considerasse loucas em Itaguaí, estuda a loucura com afinco.

Poucos meses se passam e o doutor Bacamarte chega à conclusão de que as formas de desequilíbrio são muito mais numerosas do que ele suspeitava, e declara-o ao espantado boticário Crispim Soares, que a essa altura, querendo sentir-se importante, tudo faz para ser uma pessoa próxima do ilustre médico:

“A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.”

E começa a recolher para a Casa Verde vários tipos de pessoas até então consideradas normais: o Costa, um rapaz pródigo, que emprestava o dinheiro que recebera como herança “sem usura”; uma prima dele, que foi defendê-lo; o Mateus, que tinha verdadeira adoração pela própria casa e gostava de ser visto à frente dela...

D. Evarista — em quem a população punha as esperanças de frear as atitudes do marido — e sua comitiva voltam do passeio e ela recebe, atônita, as notícias:

“D. Evarista era a esperança de Itaguaí; contava-se com ela para minorar o flagelo da Casa Verde. [...] [...]”

D. Evarista achou realmente extraordinário que toda aquela gente ensandecesse; um ou outro, vá; mas todos? Entretanto custava-lhe duvidar; o marido era um sábio, não recolheria ninguém à Casa Verde sem prova evidente de loucura.”

No jantar que comemora seu retorno, entretanto, Martim Brito, um rapaz, discursa com ardor, elogiando exageradamente D. Evarista: três dias depois, era recolhido também. Gil Bernardes, um rapaz que “tinha a vocação das cortesias” é preso ao fugir da vila. E mais outro, e outro...

A população, que a princípio consagrara o médico, revolta-se mais e mais, e Porfírio, o barbeiro — apesar do aumento de seus lucros com a aplicação de sanguessugas na Casa Verde — passa a ser uma espécie de líder contra o alienista e suas atitudes:

“— Não me dirão em que é que o Coelho é doido? bradou Porfírio.”

Nem D. Evarista consegue escapar à sanha psiquiátrica do marido: um dia, arrumando-se para ir a uma festa, ficou indecisa entre um colar de granada ou um de safira. Bastou isso para que Bacamarte visse nela um sintoma suficiente de anormalidade e a internasse...

A cidade se apavora e estoura uma rebelião popular, chamada de “a rebelião dos canjicas”, liderada pelo barbeiro Porfírio. A rebelião popular marcha em protesto até a Câmara, reivindicando o fim da tirania de Bacamarte, mas os vereadores redarguem:

“[...] que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua.”

Vitorioso ao cabo da luta, Porfírio assume o poder, mas, atingido o ideal e inseguro quanto à necessidade do hospício da Casa Verde em Itaguaí, alia-se a Simão Bacamarte. Ocorre uma intervenção militar, os antigos rebeldes são recolhidos no hospício e o alienista recupera o prestígio anterior:

“Dentro de cinco dias, o alienista meteu na Casa Verde cerca de cinquenta aclamadores do novo governo. O povo indignou-se. O governo, atarantado, não sabia reagir. João Pina, outro barbeiro, dizia abertamente nas ruas que o Porfírio estava ‘vendido ao ouro de Simão Bacamarte’, frase que congregou em torno de João Pina a gente mais resoluta da vila. [...]”

Entrementes, o alienista chegava a outras conclusões: achou que, com quatro quintos da população recolhidos à Casa Verde, ele precisava rever “os fundamentos de sua teoria de moléstias cerebrais” e reconhecer “como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todas os casos em que o equilíbrio fosse ininterrupto”.

Algo de estranho ocorre: pode a população, em quase toda a sua totalidade, ser louca? O melhor era inverter o critério para o recolhimento: os presos são normais, os outros é que precisam de tratamento. É aqui que se localiza a questão proposta pelo autor: Quem são os loucos?

A partir daí, o doutro Bacamarte solta os que estavam presos e passa a internar o que chama de minoria “anormal”: os desprendidos, os sinceros, os modestos, os tolerantes, os verídicos, os simples, os leais etc.. :

“Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico. Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral que em cada um deles excedia às outras, Simão Bacamarte cuidou em atacar de frente a qualidade predominante. Suponhamos mas um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto; e não ia logo às doses máximas — graduava-as conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Às vezes bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala, para restituir a razão ao alienado; em outros casos a moléstia era mais rebelde; recorria então aos anéis de brilhantes, às distinções honoríficas, etc. Houve um doente, poeta, que resistiu a tudo. Simão Bacamarte começa a desesperar da cura, quando teve a ideia de mandar correr matraca, para o fim de o apregoar como um rival de Garção e de Píndaro.

— Foi um santo remédio, contava a mãe do infeliz a uma comadre; foi um santo remédio.”

O novo método surtiu efeito, e o alienista, aos poucos, tratou de todos e os curou; o resultado foi o hospício ficar vazio. Longe de ficar satisfeito, Simão Bacamarte conclui que os germes causadores das doenças já estavam latentes em todos, o que tira o mérito da sua terapia, pois ele conseguia, no máximo, fazer aflorar sentimentos “sãos” que já existiam.

Como não havia uma só pessoa normal, já que ele tratar todas, Bacamarte constata que ele é o único totalmente equilibrado, totalmente reto e sadio. Assim, recolhe-se à Casa Verde, onde morreu dezessete meses depois, incurado e só. Apesar dos comentários de que ele teria sido o único louco de Itaguaí, recebeu as honras póstumas.

Comentários gerais

Machado de Assis fez dos vícios humanos a sua temática principal., entre eles a especulação sobre a razão e a loucura, como se pode observar em obras como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*. Para o grande escritor, o homem é portador de patologias incuráveis que o levam a procedimentos vis e a sentimentos menores.

Em *O alienista*, através de um estilo peculiar, reproduz o viver de uma sociedade representativa de dois mundos antagônicos e irreconciliáveis que navegam entre a razão e a loucura, exploradas pela prolixidade inútil e vazia, pelo hermetismo de uma pretensa ciência mal explicada. Coloca, entre a procura da verdade e a sua verdadeira face, o caótico. Simão Bacamarte representa a ciência como senhora absoluta da verdade e como fator de explicação das frustrações humanas — é a má aplicabilidade dos postulados científicos. Por seu turno, a população da vila de Itaguaí representa o esquema da instabilidade ética, a máscara da falsa moral, externada pelo hábito da frase feita, do chavão, do palavrório que oculta a verdade das coisas. Quem são os loucos? Quem são os alienados?

Atividades

1. Pode-se observar, na obra narrativa de Machado de Assis, a introdução de uma técnica que se contrapõe à prática em seu tempo. De que técnica se fala?
2. Por que o alienista resolvera instalar-se em Itaguaí?
3. De que forma a população da Vila de Itaguaí recebeu o alienista?
4. Que personagem tentava agradar ao alienista, a fim de promover-se à sua sombra?

5. Quem liderou a rebelião dos canjicas?
6. Por que D. Evarista foi recolhida à Casa Verde?
7. Cite três causas para a internação das personagens na primeira fase da Casa Verde.